

Índice

Dedicatória	7
A Morte de Baldassare Silvande, Visconde de Sylvania	11
Violante ou o Mundanismo	31
I — Infância Meditativa de Violante	31
II — Sensualidade	32
III — Males de Amor	35
IV — O Mundanismo	36
Fragmentos de Comédia Italiana	41
I — As Amantes de Fabrício	41
II — As Amigas da Condessa Myrto	42
III — Heldémone, Adalgise, Ercole	43
IV — O Inconstante	43
V — ***	44
VI — Moldes Perdidos	44
VII — Snobes	46
VIII — Oranthe	49
IX — Contra a Franqueza	50
X — ***	51
XI — Argumento	51
XII — Leque	54
XIII — Olivian	56
XIV — Personagens da Comédia Mundana	57

Mundanismo e Melomania de Bouvard e Pécuchet	61
I — Mundanismo	61
II — Melomania	66
Melancólica Vilegiatura de Madame de Breyves	71
Retratos de Pintores e de Músicos	85
Albert Cuypp	85
Paulus Potter	85
Antoine Watteau	86
Antoine van Dyck	86
Chopin	87
Gluck	88
Schumann	88
Mozart	89
Confissão de Uma Jovem	91
Um Jantar fora de Casa	103
I — ***	103
II — Depois do Jantar	108
As Mágoas, Devaneios ao Ritmo do Tempo	111
I — Tulherias	111
II — Versalhes	112
III — Passeio	114
IV — Família Ouvindo Música	115
V — ***	117
VI — ***	118
VII — ***	119
VIII — Relíquias	121
IX — Sonata ao Luar	123
X — Fonte das Lágrimas Que Há nos Amores Passados	126
XI — Amizade	127
XII — Efémera Eficácia das Mágoas	127
XIII — Elogio da Música Mediocre	128
XIV — Encontro à beira do Lago	129

XV — ***	131
XVI — O Estranho	132
XVII — Sonho	134
XVIII — Pinturas do Quotidiano da Memória	137
XIX — Brisa do Mar no Campo	138
XX — As Pérolas	139
XXI — As Margens do Esquecimento	140
XXII — Presença Real	141
XXIII — Pôr-do-Sol Interior	144
XXIV — Como à Luz do Luar	145
XXV — Crítica da Esperança à Luz do Amor	145
XXVI — Sob as Árvores	147
XXVII — Os Castanheiros	148
XXVIII — O Mar	149
XXIX — Marinha	150
XXX — Velas no Porto	151
O Fim do Ciúme	153
Notas	175

AO MEU AMIGO WILLIE HEATH
Morto em Paris a 3 de Outubro de 1893

“Do seio de Deus onde repousas, revela-me as verdades que dominam a morte, que nos impedem de a temer e quase no-la fazem amar.”

Os antigos gregos ofertavam aos seus mortos bolos, leite e vinho. Seduzidos por uma ilusão mais requintada, senão mais sensata, nós ofertamos-lhes flores e os nossos livros. Se este te ofereço é, primeiro que tudo, por ser um livro de imagens. Apesar das “legendas”, será, senão lido, ao menos olhado por todos os admiradores da grande artista que com simplicidade me oferece este magnífico presente, essa de quem, segundo as palavras de Dumas, se poderia dizer que “é depois de Deus quem mais rosas criou”. Também Robert de Montesquiou a celebrou, em versos ainda inéditos, com aquela eloquência sentenciosa e subtil, a ordem rigorosa que nele por vezes fazem recordar o século xvii. Diz-lhe ele, falando das flores:

“Poser pour vos pinceaux les engage a fleurir.

*.....
Vous êtes leur Vigée et vous êtes la Flore*

Qui les immortalise, où l'autre fait mourir!”¹

Os seus admiradores são uma elite e são uma multidão. Quero que eles logo na primeira página vejam o nome daquele que não tiveram tempo de conhecer e que teriam admirado. Até eu próprio,

caro amigo, te conheci por pouco tempo. Era no Bois que te via muitas vezes, de manhã, à minha espera, sob as árvores, de pé, mas calmo, como um senhor pintado por Van Dyck de quem tinhas a elegância pensativa. A elegância deles, tal como a tua, reside menos na indumentária do que no corpo, e até o próprio corpo parece tê-la recebido e continuado a recebê-la da alma: é a elegância moral. Tudo, aliás, contribuía para acentuar essa melancólica semelhança, até o fundo frondoso a cuja sombra Van Dyck tantas vezes figurou o termo do passeio de um rei; como tantos dos que foram seus modelos, havias de morrer brevemente, e nos teus olhos, tal como nos olhos deles, viam-se alternar as sombras do pressentimento e a doce luz da resignação. Mas se a graça da tua altivez cabia por direito à arte de um Van Dyck, era antes Da Vinci que devias a misteriosa intensidade da tua vida espiritual. Muitas vezes, de dedo levantado, olhos impenetráveis e sorridentes perante o enigma que silenciavas, aparecias aos meus olhos como o São João Baptista de Leonardo. Alimentávamos então o sonho, quase o projecto, de vivermos cada vez mais um com o outro, num círculo de mulheres e homens magnânimos e escolhidos, suficientemente afastados da estupidez, do vício e da maldade para nos sentirmos protegidos contra as suas flechas vulgares.

A tua vida, tal como a desejavas, seria uma daquelas obras que requerem uma alta inspiração. Tanto quanto da fé e do génio, ela pode vir do amor. Mas havia de ser a morte quem ta devia dar. Nela e nas suas proximidades residem forças ocultas, auxílios secretos, uma “graça” que não existe na vida. Tal como os amantes quando começam a amar, tal como os poetas no tempo em que cantam, os doentes sentem-se mais perto da própria alma. A vida é uma coisa dura que aperta muito connosco e nos magoa na alma. Nos momentos em que ela nos alarga a rédea, podemos sentir clarividentes doçuras. Quando era criança, a que mais miseranda me parecia, entre todas as personagens da história sagrada, era Noé, por causa do dilúvio, que o obrigou a ficar fechado na arca durante quarenta dias. Mais tarde, estive doente muitas vezes e também tive de ficar na “arca” durante longos dias. Compreendi então que Noé nunca mais pôde ver o mundo a não ser da arca, embora ela fosse fechada e a terra estivesse às escuras. Quando começou a minha conval-

cença, a minha mãe, que nunca me largou e que mesmo durante a noite se mantinha junto de mim, “abriu a porta da arca” e saiu. Mas, tal como a pomba, “voltou naquela mesma noite”. Depois sarei completamente e ela, tal como a pomba, “nunca mais voltou”. Tive de recomeçar a viver, afastando-me de mim, passando a ouvir palavras mais duras do que as da minha mãe; além disso, as dela, até ali sempre tão doces, não eram já as mesmas; impregnava-as a severidade da vida e do dever que ela me queria ensinar. Doce pomba do dilúvio, ao ver-te partir, como pensar que o patriarca não terá sentido alguma tristeza à mistura com a alegria de ver renascer o mundo? Doçura da suspensão de viver, da verdadeira “Trégua de Deus” que interrompeu o trabalho, os maus desejos. “Graça” da doença que nos aproxima das realidades de além-morte e as suas graças também, graças “desses vãos ornamentos e desses véus que pesam”, dos cabelos que mão importuna “teve o cuidado de reunir”, suaves fidelidades de uma mãe e de um amigo que muitas vezes nos apareceram como o rosto da nossa tristeza ou como o gesto da protecção implorada pela nossa fraqueza, e que terminarão assim que chega a convalescença, muitas vezes eu sofri por vos ver tão longe de mim, todas vós, exilada descendência da pomba da arca. E quem, meu querido Willie, não conheceu momentos assim, em que desejava estar onde tu estás? Assumem-se com a vida tantos compromissos que chega uma hora em que, sem coragem para os honrarmos todos, nos voltamos para as tumbas, chamamos a morte, “a morte que vem socorrer os destinos que têm dificuldade em cumprir-se”. Mas se ela não nos desliga dos compromissos tomados com a vida, não pode desligar-nos dos que tomamos para connosco e sobretudo do primeiro de todos, que é o de vivermos para valer e merecer.

Mais grave do que nenhum de nós, eras também mais criança do que qualquer outro, não só pela pureza de coração, mas por uma alegria cândida e deliciosa. Charles de Grancey tinha o dom para mim invejável de poder, com as suas recordações do colégio, acordar aquele riso que nunca se deixava adormecer por muito tempo e que nunca mais tornaremos a ouvir.

Se algumas destas páginas foram escritas aos vinte e três anos, muitas outras (Violante, quase todos os Fragmentos de Comédia Italiana, etc.) datam dos meus vinte anos. Não passam todas elas da

vã espuma de uma vida agitada, mas que agora está calma. Oxalá um dia fique tão límpida que as Musas se dignem mirar-se nela e se veja à superfície o reflexo dos seus sorrisos e das suas danças.

Oferto-te este livro. És, infelizmente, de todos os meus amigos, o único cujas críticas não receio. Tenho pelo menos a confiança de que em parte alguma dele te chocarás com a liberdade do tom. Nunca pinte a imoralidade a não ser em criaturas de consciência delicada. Por isso, demasiado frágeis para quererem o bem, demasiado nobres para gozarem plenamente no mal, conhecendo apenas o sofrimento, tive de falar delas com uma piedade sincera, de modo que não purificasse estes pequenos esboços. Que o verdadeiro amigo, o Mestre ilustre e bem-amado que lhes deram, um a poesia da sua música e outro a música da sua incomparável poesia, que o próprio Monsieur Darlu, o grande filósofo cuja palavra inspirada, mais certa de perdurar do que qualquer escrito, em mim como em tantos outros engendrou o pensamento, que todos eles me perdoem ter reservado para ti este derradeiro penhor de afeição, lembrando-se todos eles de que um vivo, por muito grande e muito querido que seja, somente pode ser honrado depois de o ter sido um morto.

Julho, 1894

A MORTE DE BALDASSARE SILVANDE
VISCONDE DE SYLVANIE

I

“Apolo guardava os rebanhos de Admeto, dizem os poetas; todo o homem é também um deus disfarçado de louco.”

(EMERSON)

— Não chore, senhor Alexis, é possível que o senhor visconde de Sylvanie lhe ofereça um cavalo.

— Um cavalo grande, Beppo, ou um pónei?

— Talvez um cavalo grande como o de Monsieur Cardénio. Mas não se ponha a chorar dessa maneira... no dia em que faz treze anos!

A esperança de receber de presente um cavalo e a lembrança de completar treze anos fizeram com que os olhos de Alexis brilhassem atrás das lágrimas. Mas consolava-o pouco ter de visitar o tio Baldassare Silvande, visconde de Sylvanie. É verdade que, desde o dia em que tinha ouvido dizer que a doença do tio era incurável, Alexis o visitou mais de uma vez. Mas tudo mudou desde então. Baldassare sabia da doença e não ignorava que lhe restavam, quando muito, três anos de vida. Alexis, que não compreendia como esta certeza não matara o tio de desgosto ou não o levara à loucura, sentia-se incapaz de suportar o sofrimento de o ver. Convencido de que ele ia falar-lhe do fim próximo, não se sentia com forças, não